



C H I N E

GOLPHE DE TENQUIN

LD'HAINAN

ROYAUME DE SIAM

ROYAUME DE CAMBODIE

ROYAUME DE CAMBODIE

COCHINCHINE

GOLPHE DE SIAM

S I A M

I Pajan

I Ubi

Ile Candor

Singor

Patane

Pinaca

R. Seu

R. de Calantan

Poncian

Banan

Redaor

Longitude du Meridien de Paris

# Aspectos da Missão Jesuíta da Cochinchina (em Terras do Vietname)

ISABEL AUGUSTA TAVARES MOURÃO\*

Em 1615, os padres jesuítas Francesco Buzomi e Diogo de Carvalho foram escolhidos para deixarem o colégio de Macau e partirem rumo às terras governadas pelos príncipes Nguyen a que os Portugueses então chamavam de Cochinchina.<sup>1</sup> Seguiram viagem acompanhados de um irmão coadjutor, natural do Japão, e de mais dois pregadores (*dojukos*) japoneses.<sup>2</sup> Um dos principais objectivos dessa decisão da Companhia de Jesus era a fundação de uma nova missão num território até então inexplorado pelos Jesuítas, mas frequentado desde os inícios do século XVI pelos portugueses, na sequência da conquista de Malaca em 1511 e das viagens exploratórias para estabelecer contactos com a China dos Ming.

Várias questões se podem colocar relativamente a esta iniciativa: Porquê 1615? Porquê a Companhia de Jesus? Porquê as terras dos Nguyen?

A data de 1615 deve ser entendida no contexto da política internacional, quer da Companhia de Jesus, quer dos portugueses, particularmente dos residentes em Macau e em Malaca.

Desde o princípio do século XVII que a guerra europeia iniciada no século XVI entre os Habsburgo (que controlavam o império espanhol, outros territórios

europeus e o império português desde 1580) e os Tudor de Inglaterra, aliados quer à França quer aos rebeldes da Holanda liderados pela casa de Orange,<sup>3</sup> atingira proporções alarmantes e iria extravasar do espaço europeu para todos os mares. Em 1595, ingleses e holandeses saquearam o Recife no Brasil. Em 1596, holandeses tentaram ocupar a feitoria portuguesa de São Jorge da Mina no golfo da Guiné; nesse mesmo ano, rumando a outros destinos, passaram por Madagáscar, atingiram a ilha de Java e terão estabelecido contactos com gente de Fujian (China). Contudo, a situação iria piorar para os portugueses a partir de Novembro de 1598, na sequência do embargo decretado, nos portos de Portugal, aos navios, marinheiros e mercadorias de Inglaterra e dos Países Baixos.

Surgiram então na Europa companhias dedicadas ao comércio com o Oriente: logo em 1600, em Inglaterra foi criada a Companhia Inglesa das Índias Orientais; em 1602, os holandeses reuniram várias pequenas companhias privadas e fundaram a Companhia Holandesa das Índias Orientais (*VOC*).

Apesar de uma trégua acordada em 1601 entre a Espanha e os rebeldes da Holanda, que viria a ser renovada, em 1610, por mais 12 anos, foi iniciada uma guerra predominantemente económica, revestindo, porém, aspectos bélicos em regiões fora da Europa, alternando-se vitórias e derrotas de um lado e do outro, mas com consequências nefastas para os mercadores portugueses nos mares da Ásia. Em 1601 ocorreu uma

\* Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, doutorou-se em Estudos Ibéricos na École Pratique des Hautes Études (Paris). Actualmente investigadora associada ao Centro de História de Além-Mar. É autora de *Portugueses em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kim) 1615-1660* (2005) e de diversos artigos.

*Graduate in History from the Arts Faculty of Lisbon University; M.A. in History of the Age of Discovery and the Portuguese Expansion during the 15<sup>th</sup>-17<sup>th</sup> centuries (Lisbon's Universidade Nova); Ph.D. in Iberian Studies from the École Pratique des Hautes Études (Paris). Currently, she is Auxiliary Researcher at the Centre for Overseas History at Lisbon's Universidade Nova. She published Portuguese em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kim) 1615-1660 (2005) several articles.*

Pormenor da "Carte des royaumes de Siam, de Tunquin, Pegu, Ava, Aracan", de Jacques Bellin (1703-1772).



## MISSIONAÇÃO



batalha em Bantam, em que cinco barcos holandeses derrotaram 30 dos portugueses. Nesse mesmo ano, Jacob van Neck fez uma tentativa de desembarque em Macau. Em 1603, foram criadas as primeiras feitorias holandesas fortificadas na ilha de Java (em Bantam e Gresik). Rapidamente os holandeses estenderam a sua acção às Molucas, arrebatando aos Espanhóis a ilha de Amboíno em 1605. Porém, não foram apenas cobichados territórios controlados pelo domínio espanhol, sucederam-se ataques a barcos portugueses. Em 1606, junto ao cabo Rachado ocorreu mais uma batalha entre 11 barcos holandeses e 20 portugueses que se saldou por uma vitória portuguesa, mas a intranquilidade nas viagens marítimas acabaria por se tornar uma constante durante várias décadas. As fortalezas portuguesas também deixaram de ser espaços seguros. Em 1607, uma frota holandesa de 13 navios, que rumava à Índia sob o comando de Paul van Carden, atacou a fortaleza de Moçambique, defendida por D. Estevão de Ataíde e seus homens; um novo ataque à mesma fortaleza ocorreu no ano seguinte, desta vez provindo de uma frota comandada por Pieter Blens. E, em 1610, já os holandeses navegavam na área das Filipinas, defendidas então pelo governador D. Juan de Silva.

Os portugueses sentiram que era absolutamente necessário consolidar alianças políticas com os príncipes asiáticos em todos os espaços frequentados e fidelizar relações comerciais, se possível em exclusividade, o que não era, à partida, fácil de obter. Neste contexto, de esforço diplomático acrescido para renovar alianças existentes, deve ser entendido o pedido feito por Fernão da Costa<sup>4</sup> para que a Companhia de Jesus enviase missionários às terras da Cochinchina, onde os nossos mercadores, residentes em Malaca e em Macau, mantinham comércio, alternadamente, ao ritmo das monções.

Se, para estabelecer um bom tratado de aliança, convinha dialogar sem recorrer a intérpretes, no panorama das línguas asiáticas o vietnamita era de difícil aprendizagem, pelas várias tonalidades vocais e pelo uso de sistemas de escrita que os portugueses não sabiam ler. Ora, desde a chegada ao Oriente de Francisco Xavier, os missionários jesuítas desdobraram-se em aprendizagens linguísticas, em geral com sucesso. A Companhia de Jesus granjeou uma imensa consideração

por parte dos fidalgos-mercadores<sup>5</sup> portugueses. Estes, frequentemente desejosos de recorrer aos bons serviços da Companhia, retribuía generosamente os favores recebidos. No entanto, poderíamos pensar que outras ordens religiosas possuíam idênticas características e, nesse caso, seria mais difícil entender o pedido de Fernão da Costa. Contudo, sabe-se que, ao longo do século XVI, várias tentativas haviam sido feitas por parte das ordens mendicantes e, devido às inúmeras dificuldades enfrentadas, os projectos haviam sido abandonados. Dominicanos e Franciscanos (portugueses e espanhóis), religiosos da Ordem de Santo Agostinho ou clérigos seculares<sup>6</sup> não obtiveram grande sucesso nos seus esforços. Os frades das diversas ordens religiosas, saídos de Malaca, de Macau ou de Manila, tinham vivido várias peripécias naquelas paragens, mas não tinham conseguido permanecer nem aprender eficazmente a língua; alguns escreveram relatos que enfermam de pouca veracidade sobre a realidade local. O Pe. António Cardim na sua obra *Batalhas da Companhia de Jesus na sua Gloriosa Província do Japão* descreveu essas tentativas dos frades, anteriores à ida dos Jesuítas para a Cochinchina, e referiu relatos, um dos quais lera e considerava inverosímil tendo em consideração a sua própria experiência.<sup>7</sup>

Em 1615, não existia, portanto, nenhuma missão de qualquer ordem religiosa em terras dos Nguyen, onde uma população flutuante de origem portuguesa realizava negócios enquanto esperava a monção favorável para prosseguir viagem, ora em direcção a Macau, ora rumando a Malaca, ou Índia, ou outras partes.<sup>8</sup> Além disso, tinham vindo fixar-se naquelas terras muitos japoneses<sup>9</sup> e outros faziam estadas prolongadas.<sup>10</sup>

Instalarem-se os Jesuítas na Cochinchina e prosseguirem a tarefa de assistência espiritual aos japoneses cristãos, sobretudo depois da expulsão recente, em 1614, de todas as ordens religiosas fixadas no arquipélago nipónico,<sup>11</sup> foi uma motivação extra para a Companhia de Jesus. No rescaldo do gravíssimo insucesso em terras do Japão, com o colégio de São Paulo repleto de missionários regressados e onde o ambiente se crispara, multiplicando-se as críticas de uns à actuação de outros, a abertura de uma nova missão onde se prosseguisse também a cristianização de japoneses deve ter sido para os Jesuítas como o vislumbrar de uma nova luz através de uma janela que, sob protecção celestial, permitiria substituir a porta encerrada. Assim, numa

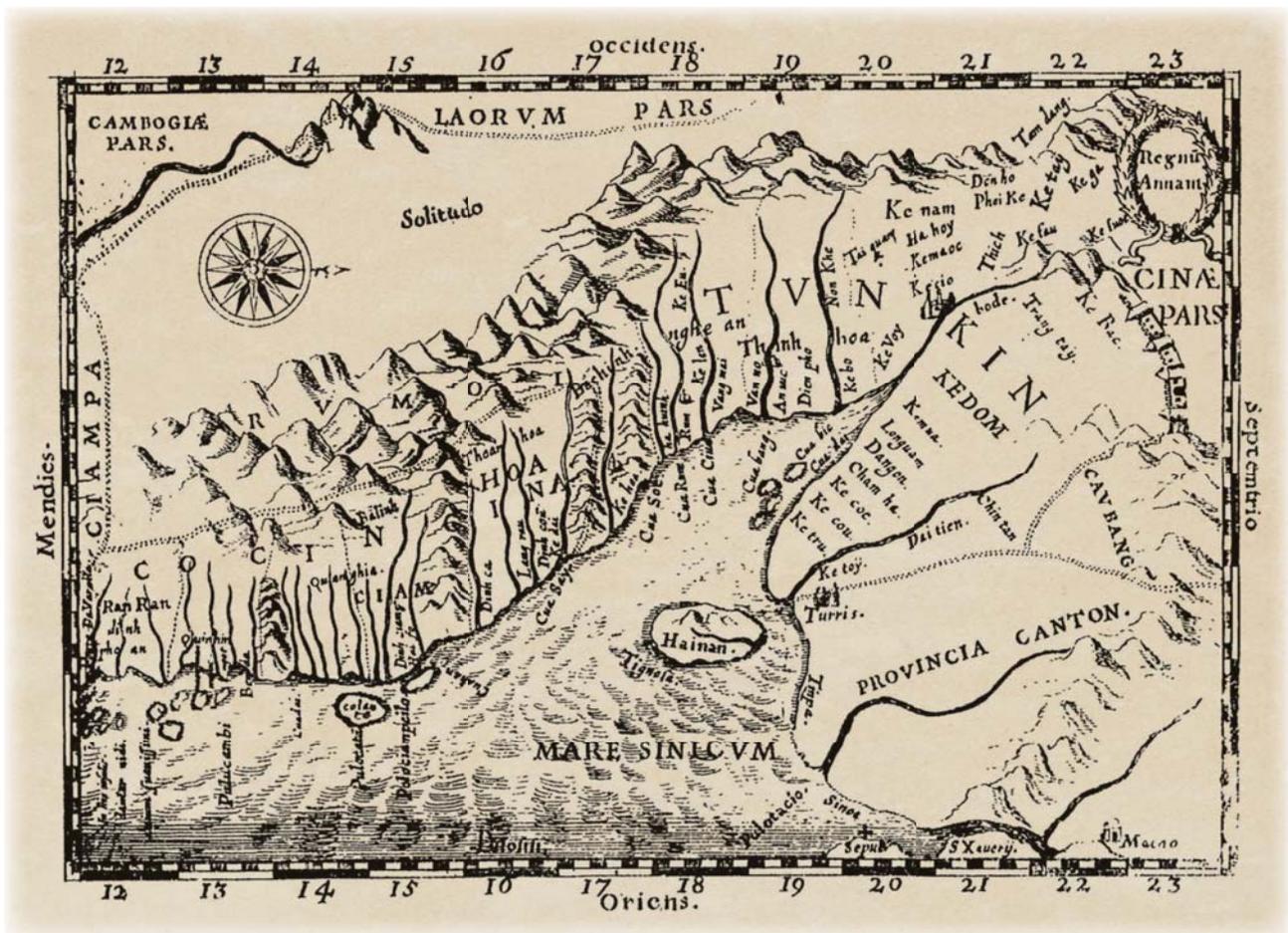
## MISSIONARY

primeira fase, foram enviados às terras dos Nguyen jesuítas que falavam a língua japonesa e que se fizeram acompanhar de alguns *dojukos*.<sup>12</sup>

Um outro motivo se afigurara igualmente interessante para a Companhia de Jesus: diversos juncos japoneses viajavam a partir daquela costa rumo ao arquipélago nipónico. Houve a intenção secreta de aproveitar esse facto não só para obter notícias e enviar mensagens, mas para clandestinamente fazer regressar ao Japão alguns padres disfarçados de marinheiros ou mercadores. Mas isso não poderia ser claramente dito, embora fosse desejado e tentado, e viria a tornar-se uma dificuldade para a acção missionária dos Jesuítas em terras dos Nguyen. Estes príncipes, zelosos da manutenção do comércio com o distante mas bem informado governo japonês, de cujo país chegavam frequentes notícias, nomeadamente sobre as viagens clandestinas dos padres e as respectivas consequências,

ficavam apreensivos, ou furiosos, quando se constava que os missionários haviam utilizado barcos saídos dos seus portos. Ao longo dos tempos os Nguyen oscilaram entre aceitar os missionários nas suas terras ou reenviá-los para Macau, não hesitando em fazê-lo sempre que as populações se agitavam contra os padres e era necessário encontrar um meio de as acalmar; também os expulsavam, mesmo em período de acalmia, se algum dos missionários se mostrava pouco obediente às regras, circulando por áreas proibidas a estrangeiros, fora da zona onde residiam portugueses e japoneses a quem era suposto darem assistência espiritual. Se a presença dos padres se mostrava ineficaz para aumentar o número de barcos mercantis, ou se não lhes era encontrada nenhuma utilidade pelos conhecimentos matemáticos, astronómicos, ou médicos, dispensavam facilmente a presença dos jesuítas. Vários foram os problemas que ensombraram a acção missionária, muitos dos quais

Mapa do Vietname inserto no livro de Alexandre de Rhodes, *Histoire du royaume de Tunquin, et des grands progresz que la prédication de l'Évangile y a faits en la conversion des infidelles*, Lyon, 1651.



## MISSIONAÇÃO

relacionados com a falta de diálogo, a dificuldade de comunicar na língua da terra ou a insensibilidade para questões diplomáticas.

Convém esclarecer um pouco mais quem eram os Nguyen.<sup>13</sup> Ainda no século XVI, Nguyen Hoang fora nomeado governador de Thuân Hoa, pela dinastia Lê a quem pertencia o território do Dai-Việt (conhecido na China por An Nam); em 1570, acumularia o governo dessa província com o da região de Quang-Nam; por bons serviços prestados recebeu, em 1573, o título de *Thai Pho*, acrescido do de *Thai Uy* em 1592. Em 1600, deu início a um processo de autonomia do território governado e começou um ciclo de expansão em direcção ao sul, atacando o reino de Champá e ocupando, em 1611, a zona norte desse reino, transformada então em Phu Yên phu. Após um longo governo e uma não menos longa vida, aquele senhor que nascera em 1514 viria a falecer em 1613, sucedendo-lhe no governo o 6.º filho – Nguyen Phuc Nguyen – que concederia aos Jesuítas uma primeira autorização de residência junto dos portugueses e japoneses.

De 1615 a 1779, datas de início e de fim desta missão jesuíta em terras da Cochinchina e que

coincidem, grosso modo, com a ascensão e queda deste principado, foram oito os governantes Nguyen. (Quadro 1)

Em síntese, poderíamos dizer que o território se caracterizou no período assinalado por uma continuidade na orientação política, prossequindo o rumo expansionista para sul até à total anexação do Champá e de parte do Camboja, e por uma insubmissão relativamente ao norte, cessando o pagamento da tributação em 1620, o que conduziria a uma longa e intermitente guerra com os Trinh que assumiam o poder em nome da dinastia Lê. Os governos foram em geral de longa duração e os governantes, salvo raras excepções, assumiram o poder já na maturidade. As opções e estratégias definidas não se coadunavam com interferências estrangeiras e o território estava muito controlado. A política expansionista dos Nguyen necessitava de aliados. Precisavam que o seu governo fosse reconhecido. Careciam de produtos para a guerra (desde mezinhas a moedas chinesas para pagar aos soldados, de pólvora a armas diversas, para não falar em bens sumptuários). Neste contexto de guerra, os portugueses perflaram-se como aliados indispensáveis

QUADRO 1. GOVERNANTES NGUYEN, 1615-1779

NOMES DOS PRÍNCIPES GOVERNANTES	DATA DE NASCIMENTO	IDADE NO INÍCIO DA GOVERNAÇÃO	GOVERNAÇÃO	PERÍODO DE GOVERNAÇÃO
Nguyen Phuc Nguyen	1563 (6.º filho de Nguyen Hoàng)	50 anos	22 anos	1613-1635
Nguyen Phuc Lan	1601 (2.º filho do anterior)	34 anos	13 anos	1635-1648
Nguyen Phuc Tan	1620 (2.º filho do anterior)	28 anos	39 anos	1648-1687
Nguyen Phuc Tran	1649 (2.º filho do anterior)	38 anos	4 anos	1687-1691
Nguyen Phuc Châu	1675 (1.º filho do anterior)	16 anos	34 anos	1691-1725
Nguyen Phuc Chu	1696 (1.º filho do anterior)	29 anos	13 anos	1725-1738
Nguyen Phuc Khoat	1714 (1.º filho do anterior)	24 anos	27 anos	1738-1765
Nguyen Phuc Thuân	1754 (16.º filho do anterior)	11 anos	11 anos	1765-1776

Seguiu-se o período da rebelião dos Tây-Son (com o assassinato, em 1777, de Nguyen Phuc Thuân, obrigado a abdicar em 1776). Da família Nguyen apenas sobreviveu um jovem príncipe – Nguyen Phuc Anh – que, em 1802, fundou uma nova dinastia e reunificou o país, a partir de 1804 designado Vietname.)

e, por isso, para obter o respectivo apoio de forma continuada, os Jesuítas foram aceites, ou tolerados, desde que com eles vivessem, sem interagirem com as populações locais nem circularem noutras áreas, excepto se servissem de intérpretes quando acompanhassem delegações em deslocação à corte.

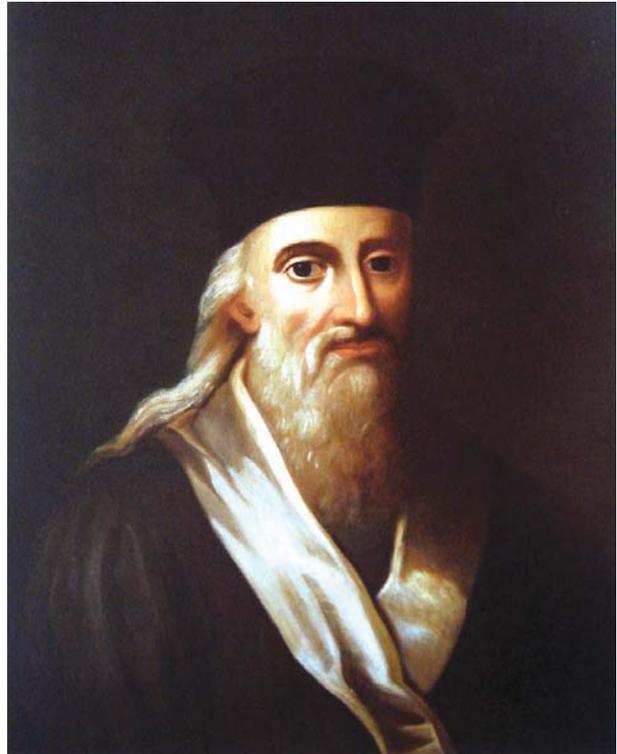
Mas quem foram afinal os jesuítas que obtiveram o privilégio de residir em território dos Nguyen? Ainda está por fazer um estudo aprofundado da missão da Cochinchina após 1660, no entanto conhecem-se todos os jesuítas do período de 1615 a 1660.<sup>14</sup>

De 1615 a 1660 estiveram na Cochinchina 15 padres portugueses jesuítas cujos nomes ficaram registados e sabe-se que outros por lá passaram em estadas ocasionais e cujos nomes nem sempre foram referidos nas cartas anuais. Além dos jesuítas portugueses, também pertenceram à missão oito italianos (oriundos de regiões de Itália governadas pelos Habsburgo), um luso-nipónico, três japoneses, um de Avinhão (território do Papa) e um francês (por o barco onde viajava ter naufragado). Em alguns casos os padres não ficaram registados nas cartas anuais porque se encontravam na clandestinidade e com intenção de passar ao Japão, como aconteceu com Gaspar do Amaral, alojado por uma família japonesa em 1626-1627 com intuito de aperfeiçoar os conhecimentos linguísticos do japonês.

Fizeram também parte desta missão entre 1615 e 1660 alguns irmãos: António Dias, Joseph Japão, Paulo Saytô, Domingos Mendez, Domingos Dias, Romão Nixi. Destes, alguns, como Paulo Saytô, viriam a ser ordenados padres posteriormente em Macau.

Os locais de residência dos missionários foram, ao longo deste período, em Fayfô (actual Hôi Na), Nuoc Man, Ke Cham (Cachão, Cacham), Pullo Camby, Turão (neste caso a residência foi construída em 1654, na zona hoje conhecida por Da Nang).

Desde o início da missão que os Jesuítas se viram confrontados com inúmeras dificuldades, de que a primeira de todas foi a aprendizagem da língua, já referida. As várias tonalidades de uma língua monossilábica e uma grafia em caracteres chineses, ou em *nôm* (a escrita da terra que simplificava em parte a grafia chinesa) não ajudavam a aprendizagem. Nem o Pe. Diogo de Carvalho nem Francesco Buzomi, que foram os primeiros a chegar, conseguiram aprender vietnamita. O Pe. Diogo de Carvalho, português natural de Coimbra, falava muito bem japonês e vivera no Japão de onde saíra em 1614 desterrado.<sup>15</sup> Iria ser o



Alexandre de Rhodes.

primeiro a partir clandestinamente para o arquipélago nipónico. O Pe. Francesco Buzomi, companheiro do anterior e destinado à evangelização dos naturais da terra, também não obteve sucesso e apenas tardiamente viria a conseguir expressar-se. Só o Pe. Francisco de Pina, enviado de Macau em 1616,<sup>16</sup> conseguiu realizar rapidamente essa aprendizagem e, na qualidade de intérprete, viria a ter a possibilidade de se deslocar à corte em diversas ocasiões, conseguindo ter residência em Ke Cham, longe de Fayfô e de Turão, lugares onde residiam chineses, japoneses e portugueses,<sup>17</sup> tornando-se intérprete e professor de outros missionários chegados posteriormente, nomeadamente António de Fontes e Alexandre de Rhodes.

Entretanto, no seio da Companhia discutiam-se questões de jurisdição relacionadas com a nova missão e não se encontrava unanimidade para decidir a qual das províncias deveria pertencer a missão da Cochinchina, estando em debate várias opções. Parecia desapropriada a ligação ao distante Malabar, tanto mais que fora a província do Japão a tomar a iniciativa. Tudo se complicava porque também era preciso definir qual o bispado sob cuja alçada ficaria a novíssima missão. O bispado de Malaca acabou por ter a primazia e a missão

## MISSIONAÇÃO

QUADRO 2. PADRES JESUÍTAS NA MISSÃO DA COCHINCHINA (1615-1660)

PORTUGUESES	ITALIANOS	JAPONESES	OUTRAS NAÇÕES
Diogo de Carvalho	Francesco Buzomi	Maqui Miguel	Alexandre Rhodes
Francisco de Pina	Christoforo Borri	Justo Yamanda	
Pero Marquez	Girolamo Mayorica	Matias Japão	
António Fernandes	Giovanni Leria		
Manoel Fernandez	Metello Saccano		
Gabriel de Matos (Visitador)	Domingos Fuciti		
Gaspar Luís	António Rubino		
Emanuel Gonçalves	Francesco Rivas		
António de Fontes			
Bento de Matos			
Álvaro Semedo (em trânsito)			
Pero Alberto			
Baltazar Caldeira			
Carlos da Rocha			
Francisco Ignacio			Edmundo Poncet

da Cochinchina ficou sob a sua jurisdição eclesiástica, porém continuaram os Jesuítas a partir do Colégio de Macau para esse novo destino. E, depois de algumas hesitações, as cartas anuais passaram a ser remetidas também para Macau, em parte pelas vicissitudes da guerra marítima que mantinha dificultosa a navegação no estreito de Singapura e nas imediações de Malaca.

Ao longo do século XVII a Companhia de Jesus andou nesta missão em dependência estreita dos mercadores portugueses e japoneses (que ora apoiavam ora desapoiavam, consoante a adesão ao Cristianismo ou a outras crenças); também não foram alheias as vicissitudes do comércio, que se corria bem criava uma maior empatia e vice-versa. As notícias que chegavam do Japão por via oficial do governo nipónico aumentavam a

desconfiança dos Nguyen sobre os missionários. Nunca houve uma acomodação total à terra, no que se refere ao traje dos missionários que andavam vestidos como na Índia, o que os distinguiu nitidamente das gentes da terra.

Nem sempre foram acauteladas as deslocções fora da área a que estavam confinados e que era a zona de residência dos mercadores. É preciso reflectir que a “Cochinchina” do século XVII era um território em guerra contra o governo do Norte controlado pelos Trinh, a quem cessaram de pagar tributo em 1620, tendo sido invadidos em diversas ocasiões ao longo de várias décadas. Qualquer movimentação de estrangeiros era suspeita, podendo estar a espiar ao serviço do inimigo.

A partir de 1657 sentiu-se necessidade dos missionários desempenharem funções no paço e na sociedade que lhes dessem a oportunidade de transitar por diversos lugares. Essa norma fora seguida no Tun Kim desde 1631, na corte dos Trinh, mas, apesar de se revelar de grande eficiência, tardou a ser implementada na Cochinchina dos Nguyen. O Pe. Pero Marques (luso-nipónico) foi o primeiro a exercer medicina, estratégia que teve continuidade por parte de outros jesuítas ao longo do século XVIII.

As más condições climáticas, com a consequente falta de alimentos e agitação social, tornavam os jesuítas muito vulneráveis, já que a população local atribuía à presença dos religiosos o castigo do céu em virtude de propagarem uma nova crença tão alheia aos costumes da terra. E os governantes mostravam-se contrários à evangelização dos seus súbditos, talvez por recearem que eles embarcassem para longes terras (coisa que viam ter sido feita por muitos japoneses), perdendo assim os tributos pagos *per capita*. Havia mesmo alguma confusão entre o que significava ser “português” e ser “cristão”, como a certa altura foi notado pelos missionários, ao observarem que o tema era motivo de chacota em peças de teatro popular representadas onde havia algum bazar. Não parece ter havido uma oposição aos missionários de cariz religioso por parte dos Nguyen, mas mais uma questão de controlo político, tanto mais que, apesar das elites seguirem uma filosofia confucionista, não havia qualquer obstáculo à propagação do Budismo, que era suposto contribuir para a pacificação de um território (anteriormente do Champá) onde o Hinduísmo estivera longamente enraizado. Se o Budismo se propagasse, haveria menos rebeldia nos territórios conquistados, aceitando cada qual mais facilmente a roda da fortuna que de senhores e livres os tornara cativos e pobres<sup>18</sup> e talvez tenha sido esse um dos principais motivos para a maior protecção dada aos bonzos e aos seus templos que o Pe. Borri referiu serem inúmeros, muito belos com altas torres e campanários.<sup>19</sup>

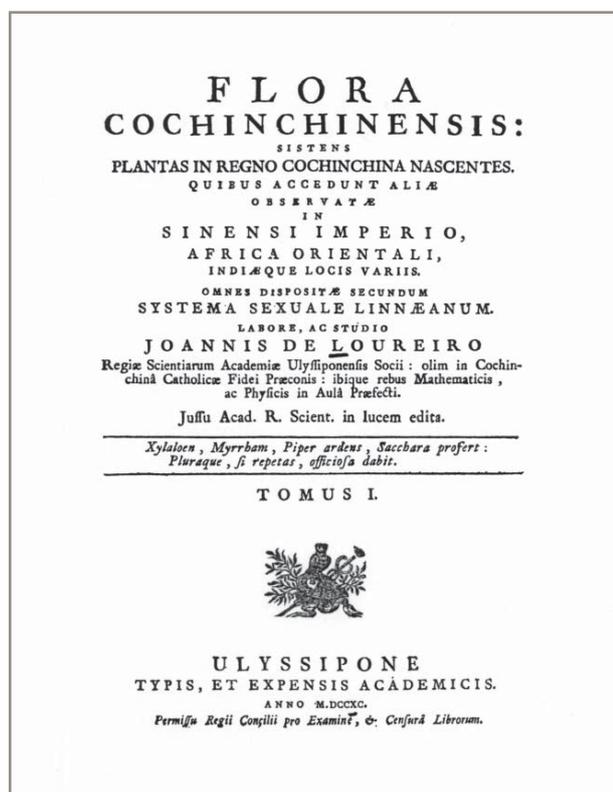
A Cochinchina, além de lutar pela autonomia, também estava carente de população que ora fugia à guerra, ora procurava escapar à fome, procurando sobreviver em áreas a sul, no reino do Champá ou no Camboja. Essa fuga de população servia de pretexto para “uma guerra justa” contra os senhores que acoitavam os súbditos dos Nguyen, e isso contribuiu para a total aniquilação do governo dos príncipes

Chames ao longo do século XVII e para a progressiva anexação do delta do Mekong que o Camboja considerava pertencer-lhe.

A vinda dos portugueses (de Malaca, de Macau ou de outras partes) era dinamizadora para o comércio local: permitia escoar a produção local de seda e as madeiras odoríferas (tão abundantes nas matas do Champá) e obter produtos que só por via marítima eram adquiridos, visto que as ligações por terra com a China estavam impossibilitadas e o governo dos Nguyen não era reconhecido pelo império chinês. Pretendia o governo local manter amizade com os portugueses, que considerava aliados. Na verdade, não precisavam dos missionários para atrair os comerciantes, porque a mudança de ventos a isso obrigava e a maior parte das rotas seguidas pelos portugueses, ou em parcerias com outros asiáticos, convergiam no litoral da Cochinchina. Os príncipes locais apenas se compraziam com a presença de jesuítas que se distinguissem por saberes científicos (medicina ou astronomia) e que servissem de intérpretes. Sem mais valias, que não fossem teológicas, tornavam-se dispensáveis. E, se a população assaltava templos ou destruía ídolos para procurar riquezas no seu interior, desculpavam-se com os cristãos a quem acusavam do crime, o que ainda dificultava mais a evangelização. Se, por um lado, eram expulsos os padres sempre que o respectivo comportamento não respeitava as regras estabelecidas, por outro eram aceites novos missionários que de Macau fossem enviados em próxima viagem dos navios.

A lista de expulsões de jesuítas e de proibições do Cristianismo no território dos Nguyen ao longo de vários séculos ainda não está completa, embora haja uma ideia mais precisa para o período de 1615 a 1660.<sup>20</sup> Um primeiro “bando” contra os padres ocorreu em 1616, um segundo em 1629 (a 10 de Agosto), outro em 1639 com proibição de residência; de 1640 a 1645 só foi autorizada a sua permanência enquanto o barco estivesse no porto; de novo surgiram problemas em 1645, 1648 e 1650. Entre os padres considerados *persona non grata* estão Alexandre de Rhodes (em 1645), Carlos da Rocha (expulso em 1648), Metello Saccano (expulso em 1648 e regressado em 1650, mas preso pouco depois). As perseguições aos cristãos, umas mais gerais do que outras, foram intercaladas no tempo, mas em alguns casos houve condenação à

## MISSIONAÇÃO



Frontispício de *Flora Cochinchinensis: Sistens Plantas in Regno Cochinchina Nascentes* do Pe. João Loureiro, Lisboa, 1790.

morte, nomeadamente no caso de André, catequista martirizado em 1644, de *Thay* Ignacio e de Vicente em 1645, e de outros em 1646 e em 1650. Em 1653, a propagação do Cristianismo continuava, mas os Jesuítas assinalavam a 11.<sup>a</sup> perseguição contra a lei cristã. Em 1665 foi ordenada a morte dos cristãos de Fayfô e sempre os Nguyen interdavam a pregação, mandando variadas vezes queimar livros ou imagens. Porém, mesmo depois da expulsão dos Jesuítas em 1750, Vo-Vuong manteve na corte o seu médico jesuíta Johann Köffler.

De 1615 até fins do século XVIII (mesmo depois da extinção da Companhia de Jesus em Portugal no tempo de Pombal), houve jesuítas que conseguiram acomodar-se à terra e ser bem aceites, desenvolvendo diversas actividades por períodos mais ou menos longos. O primeiro de todos é indubitavelmente Francisco de Pina, pioneiro da transcrição fonética da língua vietnamita,<sup>21</sup> mas que não conseguiu completar a sua obra por ter morrido num naufrágio em 1625, entre a ilha de Cham e a costa de Fayfô, tendo ficado enterrado em solo vietnamita. Outro que se notabilizou no seu

tempo foi Christoforo Borri que frequentou o paço de um dos príncipes Nguyen e que corrigiu os cálculos matemáticos da previsão de um eclipse feita pelos mandarins locais que, pelo erro, foram severamente punidos. A ele se deve um dos primeiros trabalhos sobre a missão da Cochinchina, editado na Europa em língua italiana e em língua francesa em 1631. Outro que convém não esquecer foi Girolamo Mayorica<sup>22</sup> com uma presença discreta mas eficiente, tendo mais tarde sido enviado para o Tun Kim onde viveu largos anos, dedicando grande parte da sua actividade a escrever e a traduzir orações e textos hagiográficos, muitos das quais em *nôm*, criando-se assim uma nova literatura de cariz religioso. A lista das personalidades notáveis é extensa, sobretudo no século XVIII, mas apenas referiremos alguns dos mais notáveis.

Segundo Nguyen Thanh-Nha,<sup>23</sup> Nguyen Phuoc Chu no início do seu reinado fazia-se acompanhar pelo Pe. António de Arnedo, seu matemático-astrónomo, e, desde 1724, pelo Pe. Lima; sob Nguyen Phuc Khoat (Vu-Vuong) este cargo foi ocupado pelo Pe. Neugebauer e o Pe. Siebert desempenhava o cargo de mandarim-médico. Após o falecimento deste último, em 1745, coube a vez sucessivamente aos padres Slamenski e Johann Köffler.<sup>24</sup> Em 1752, ainda durante o governo do mesmo príncipe, dois jesuítas portugueses desempenhavam funções importantes – o Pe. Xavier Monteiro era geómetra e o Pe. João de Loureiro, médico.

A juntar às dificuldades vividas na Cochinchina, a situação da Companhia de Jesus que conseguira permanecer no território apesar das lutas pela supremacia da *Propaganda Fide* sobre o Padroado do rei de Portugal, e que sobrevivera aos conflitos com os vigários apostólicos, enfrentou na Europa diversos reveses. Em Portugal, o marquês de Pombal foi o seu principal opositor, dando ordem para que regressassem das colónias, prendendo alguns e expulsando depois outros missionários. Dois dos padres desta missão, Jakob Graff<sup>25</sup> e Johann Köffler, acabaram por regressar a Portugal, onde foram presos em 1764 e libertados e expulsos em 1767. Algum tempo depois, por um Breve papal, datado de Setembro de 1773, a Companhia de Jesus foi extinta.

Contudo, houve um jesuíta português que, ao contrário dos restantes, não saiu da Cochinchina, lá continuando a cuidar dos cristãos, apesar do fim do principado dos Nguyen em 1776, aguentando o

período da rebelião dos Tày Son, e só se retirando do território em 1779, depois de entregar a sua missão a um bispo chegado àquela terra com um grupo de sacerdotes em 1778. João de Loureiro regressou a Portugal em 1781, depois de uma longa viagem, aproveitada em parte para continuar a sua observação da natureza e os seus estudos sobre a flora e fauna das diversas terras. Nascido em Lisboa em 1717, numa família de militares, estudara no colégio de Santo Antão e vestira o hábito de jesuíta em 1732. Conhecedor de estudos de Astronomia e Mecânica, em 1742, ou em 1744, foi enviado à missão da Cochinchina onde permaneceu largos anos. Obteve de um capitão de um navio inglês alguns livros de Botânica, nomeadamente escritos por Lineu, e dedicou-se ao estudo das plantas e dos seus efeitos medicinais, para poder exercer a função de médico a par da de missionário. Em 1779, conseguiu passar a Cantão com os seus preciosos manuscritos, onde exaustivamente anotara todas as plantas da Cochinchina. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa desde 1781, membro da Royal Society de Londres, correspondeu-se com os sábios do seu tempo, enviou amostras da sua colectânea

para Inglaterra e Suécia. Parte da sua obra foi publicada em 1790 pela Academia das Ciências de Lisboa sob o título de *Flora Cochinchinensis*, em dois volumes. Além de botânico foi também paleontólogo e o seu trabalho foi muito apreciado, originando traduções e republicações, embora ainda existam textos seus inéditos. Faleceu em Lisboa em 1791.<sup>26</sup>

Em síntese, poderemos dizer que os missionários se desdobraram em estratégias múltiplas ao longo dos tempos para conseguir manter a missão jesuíta da Cochinchina e desenvolveram um esforço notável para a evangelização que deu frutos. A comunidade cristã foi progredindo apesar dos contratemplos. O elevado nível do trabalho intelectual de alguns foi reconhecido localmente e em muitos casos pela comunidade científica da época. Também a transcrição fonética conhecida por *Quoc Ngu*, iniciada por Francisco de Pina e aperfeiçoada e concluída por Gaspar de Amaral, viria a revelar-se de uma enorme utilidade, uma vez generalizado o seu uso no Vietname, permitindo erradicar o analfabetismo, além de alargar horizontes culturais. **RC**

## NOTAS

- 1 O nome de Cochinchina começou a ser utilizado pelos portugueses depois de 1511 para todo o território a sul do império chinês dos Ming e a norte do antigo reino do Champá (conquistado ao longo do século XVII pelos antepassados dos vietnamitas). No século XVII, já os portugueses chamavam Cochinchina apenas aos territórios dominados pelos príncipes Nguyen que, em 1615, controlavam as províncias do sul em nome da dinastia Lê no reino a que os chineses chamavam An Nam e a que os autóctones designavam por terras do Dai-Viêt (na região centro do Vietname dos nossos dias). Com a progressiva autonomia dos Nguyen que se rebelaram, acabando por se tornar independentes e fundar a dinastia do mesmo nome, os portugueses continuaram a designar como Cochinchina o território controlado por estes príncipes, independentemente dos respectivos limites (variando as latitudes da área abrangida com as vicissitudes das variadas guerras); este facto deu azo a que em Portugal se usasse essa palavra Cochinchina para falar de terra distante, quase lendária porque não se sabia bem onde se situava. Portanto a designação não coincide com a “Cochinchine” dos franceses, que lhe é posterior e que abrangia só a região em redor do delta do Mékong.
- 2 ARSI, Jap.Sin. 114, “Anua do Collegio de Macao desde Janeiro de 1616”, fl. 4v; Jap.Sin. 16-II, carta de Valentim Carvalho para António Mascarenhas, escrita em Macau em 9/02/1615, fl. 174; Jap.Sin. 16-II, carta de Lucena para A. Mascarenhas datada de 13/05/1615, fl. 195.
- 3 Uma aliança entre a França e a Inglaterra contra a Espanha foi firmada em 24/05/1596 e, em 31/10/1596, a Holanda, pelo Tratado de Haia, juntou-se à França e à Inglaterra nessa mesma luta.
- 4 Segundo Christoforo Borri, na sua obra traduzida em francês, este “bravo capitão” foi enviado como embaixador em nome da cidade de Macau à Cochinchina para impedir o comércio com os holandeses. (Ver de Christoforo Borri, *Relation de la nouvelle mission des pères de la Compagnie de Jesus au royaume de la Cochinchine. Traduite de l’Italien du Père Christofle Borri Milanois, qui fut un des Premiers qui entrerent en ce Royaume. Par le Père Antoine de la Croix de la mesme Compagnie*, Lille, 1631, pp. 93, 94). Outras referências a Fernão da Costa encontram-se em Paulo Jorge de Sousa Pinto, *Portugueses e Malaio, Malaca e os Sultanatos de Johor e Achém 1575-1619*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1997, p. 227 e 228. Segundo Paulo Jorge Sousa Pinto, Fernão da Costa desenvolveu uma intensa actividade militar e diplomática: participou na defesa de Malaca em 1606; em 1614, foi enviado a Johor como embaixador; em 1615, comandou a armada de vigia da costa e voltou a participar na defesa de Malaca; em 1618, foi de Goa a Malaca como capitão da armada de socorro e, em 1620, socorreu Perak, constando dos casados em Malaca até 1626.
- 5 Sobre os fidalgos-mercadores ver em geral Charles Ralph Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1570*, Macau, Fundação Oriente/ Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.
- 6 Sobre este assunto ver por exemplo Roland Jacques, *De Castro Marim à Faifo: Naisance et développement du padroado portugais d’Orient des origines à 1659*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 126-141.
- 7 Luciano Cordeiro (ed.), *Batalhas da Companhia de Jesus na sua Gloriosa Província do Japão pelo Padre Antonio Francisco Cardim da*

## MISSIONAÇÃO

- mesma Companhia de Jesus, natural de Vianna do Alentejo. Inédito destinado à X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas por Luciano Cordeiro S.S.G.L., Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, pp. 175-176.
- 8 Sobre os portugueses nestas paragens ver em geral Isabel Augusta Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kim) 1615-1660*, Macau, Fundação Oriente/IPOR, 2005.
- 9 Existia, em 1614, uma comunidade japonesa na Cochinchina em número superior a 400 pessoas, umas cristãs, outras gentias. Ver Isabel A. T. Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kin)*, 1615-1660, p. 71 e ARSI, Jap.Sin. 46, “Annua do Collegio de Amacao do anno de 1614, 2ª via pola Índia, assinada por Manoel Dias em Macau, 2/1/1615”, fl. 362v. Esta carta encontra-se publicada por João Paulo Oliveira e Costa (dir.) e Ana Fernandes Pinto, *Cartas Anuas do Colégio de Macau (1594-1627)*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Fundação de Macau, 1999, e sobre este assunto ver p. 143.
- 10 Entre 1604 e 1635 terão frequentado os portos da Cochinchina 87 barcos com selo vermelho (*shuin jo*). Ver Robert LeRoy Innes, *The Door Ajar: Japan's Foreign Trade in the Seventeenth Century*. Tese fac-similada, Universidade de Michigan, 1980, p. 58.
- 11 Sobre este assunto ver em geral o livro de Charles Ralph Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Manchester, Carcanet/Fundação Calouste Gulbenkian/Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Fundação Oriente, 1993.
- 12 *Dojikos* ou *dojukos* eram japoneses instruídos para ajudarem os padres nas tarefas de evangelização. Para mais detalhes ver os artigos de Jesús López-Gay, S. J., “Las Organizaciones de Laicos en El Apostolado de la Primitiva Misión del Japón”, in *Archivum Historicum Societatis Jesu*, ano XXXVI, fasc. 71, Janeiro-Junho 1967, vol. XXXVI, Roma, Institutum Historicum S. I., 1967; “Métodos misioneros en el Japón del siglo XVI”, in Nuno da Silva Gonçalves (coord.), *A Companhia de Jesus e a Missão no Oriente. Actas do Colóquio Internacional Promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria - Lisboa, 21-23 de Abril de 1997*, Lisboa, Brotéria/Fundação Oriente, 2000, pp. 103-116.
- 13 Para a história do Vietname ver, em geral, Lê Thành Khôi, *Histoire du Viêt Nam des origines à 1858*, Paris, Sudestasie, 1987 e Yang Baoyun, *Contribution à l'histoire de la principauté des Nguyễn au Vietnam meridional (1600-1775)*, Genebra, Éditions Olizane, 1992.
- 14 Ver Isabel A. Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt...*, pp. 317-326.
- 15 Luciano Cordeiro (ed.), *Batalhas da Companhia de Jesus...*, p.p 177-178. Diogo de Carvalho, segundo Cardim, viria a sair da Cochinchina na sequência de ordem de expulsão dos padres (em 1616), porque os povos atribuíam à respectiva presença a falta de chuva e de alimentos no território. Cardim afirma ainda que Diogo Carvalho no Japão fez grandes serviços a Deus e viria a morrer enregelado nas águas frias em 22 de Fevereiro de 1624.
- 16 Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia* 49-V-5, “Annua do Collegio da Madre de Deus da Companhia de Jesus de Macao do anno de 1616”, fol. 186v.
- 17 Sobre a população flutuante e respectivos portos frequentados ver Isabel A. Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt...*, pp. 70-84. Sobre a representação confucionista do mundo e concepção político-filosófica que levava a que estrangeiros dessem residir em áreas periféricas ver por exemplo a opinião de Nguyen Thê Anh no prefácio do livro *Le Dai-Viêt et ses voisins d'après le Dai-Viet su ky toan thu (=Mémoires historiques du Dai-Viet au complet)*, tradução de Bui Quang Tung et Nguyen Huong revista e anotada por Nguyen Thê Anh, Paris, L'Harmattan, 1990, pp. 1-5
- 18 Semelhante política já havia sido posta em prática na Índia no tempo de Açoka que governou entre 269 a.C. e 232 a.C. Ver Jean Boisselier, *La sagesse du Boudha*, Paris, Gallimard, 1993, pp. 120-126 e Henri Arvon, *Le Boudhisme*, Paris, Presses Universitaires de France, 1994, pp. 84-86.
- 19 Christoforo Borri, *Relation de la nouvelle mission des pères...*, pp. 196-197.
- 20 Ver Isabel A. Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt...*, pp. 317-326.
- 21 Este trabalho viria a ser aperfeiçoado e completado por Gaspar de Amaral no Tun Kim governado pelos Trinh. Ver Isabel Augusta Tavares Mourão, *Gaspar do Amaral S. J. (1594-1646). La vie et l'oeuvre d'un Jésuite portugais fondateur de la mission jésuite du Tun Kim à la cour des Trinh* (tese de doutoramento defendida na École Pratique des Hautes Études em Paris a 19 de Outubro de 2011), 3 vols. Paris, EPHE, 2011. Sobre este tema ver também em geral Roland Jacques, *Portuguese Pioneers of Vietnamese Linguistics Prior to 1650. L'œuvre de quelques pionniers portugais dans le domaine de la linguistique vietnamienne jusqu'en 1650*, edição bilingue, Banguetcoque, Orchid Press, 2002; do mesmo autor “Le Portugal et la romanisation de la langue vietnamienne. Faut-il réécrire l'histoire?”, in *Revue française d'histoire d'outre-mer*, t. 85 (1998), n.º 318, pp. 21-54; “Aux origines du Quoc Ngu: Quelques observations sur les circonstances historiques et l'environnement scientifique des premiers écrits sur la phonétique vietnamienne”, in *Tap San Khoa Hoc A-DHHT TP. HCM – Annals of Ho Chi Minh City University*, 3 (1995), Vietnam, pp. 93-109.
- 22 Girolamo Mayorica aparece por vezes referido como Jerónimo Maiorica. Nasceu em Nápoles em 1591 e entrou na Companhia com 14 anos. Leccionou Humanidades em Goa durante quatro anos e terá ido ao Idalcão duas vezes em missão, além de ter cuidado de enfermos no Hospital Real de Goa. Esteve na Cochinchina em diversas ocasiões entre 1624 e 1629; de uma das vezes tentou passar ao Japão, mas um tufão obrigou o barco a regressar; expulso da Cochinchina em 1629 juntamente com outros padres, o respectivo bote foi atacado por holandeses e vararam na costa do Champá onde ficaram cativos. Regressado a Macau em 1631, enviado ao Tun Kim em 1632 aí viveu até 27 de Janeiro de 1656, data do seu falecimento. Ver Isabel A. Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt...* p. 275, n. 205, onde são referidos outras detalhes e diversas fontes relativas a este jesuíta que chegou a ser provincial de Japão.
- 23 Nguyen Thanh-Nha *Tableau économique du Vietnam aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles*, Paris, Éditions Cujas, 1970, p. 203. Nguyen Thanh-Nha, para fundamentar as referências a estes padres, cita (sobre Bartolomeu da Costa) De San-Januario, “Documents sur les Missions portugaises du Camboje et en Cochinchine”, in *Bulletin de la Société Académique Indochinoise de France*, II (1882) p. 184, e sobre os restantes missionários referidos cita Charles B. Maybon, *Histoire moderne du pays d'Annam 1592-1820*, Paris, Plon, 1919, pp. 140-141.
- 24 Johann Köffler nasceu em 1711 em Praga; entrou na Companhia de Jesus em 1726 na Boémia; esteve em Goa em 1738, em 1739 em Macau e terá ido para a Cochinchina em 1740, donde regressou a Portugal em 1764. Morreu em 1780 em Siebenburger mas antes escreveu a *Historica Cochinchinae Descriptio* publicada em Nuremberga em 1806.
- 25 Jakob Graff nasceu em 1709 em Niederberg. Entrou na Companhia de Jesus em 1727 na província do Baixo-Reno e missionou entre 1738 e 1764 na Cochinchina e no Sião. Preso, em Portugal, de 1764 a 1767, veio a morrer em Trier em 1773.
- 26 Ver Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo [IAN/TT], Arquivos Particulares, Abade Correia da Serra, Caixa 2 B, A 42, 4 f. “Elogio do senhor João de Loureiro (12 de Maio de 1792)” de que se encontra on-line (em 25 de Outubro de 2012) uma transcrição de J.C.S. Jesus (2004): IAN/TT\_Arq/\_Part/\_Correia\_da\_Serra. CX\_2B-A42.1792.pdf. Este documento contém outras referências nomeadamente constando do *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques de France*, t. LV, Paris, Bibliothèque Centrale du Musée d'Histoire naturelle (supplément).